

Esta carta foi escrita por  
Vivaldo Fajundes, do Algarve,  
e dirigida a Correia Pires,  
Fambrun do Algarve.

Luiz

Lisboa, 17 de Outubro de 1955

Caro C. P.  
Almada



BN

003916

Ainda são nos meus ouvidos o ribombar dos foguetes com que os republicanos julgaram acertado festejar o 45 aniversário da proclamação da República em Portugal. - Já que outra coisa não sabem ou não podem fazer para reinvidicar posições perdidas.

Sabes muito bem que não sou republicano, ou, com mais precisão, que sou anti-republicano convicto, da mesma maneira que os republicanos são anti-anarquistas rabiosos. Para ser justo devo confessar que notei este ano mais entusiasmo nos assistentes aos actos comemorativos que nos anteriores, particularmente por parte de determinados indivíduos que sentindo-se incapazes de forjar eles mesmos os meios adequados para reconquistar as liberdades e os direitos extorquidos, se arrimam àqueles que julgam poder dar-lhes sem dispendir muitos esforços e sem perigos.

Os ébrios e os entusiastas são, talvez, as pessoas que se manifestam com mais sinceriedade. Através dos seus actos e das suas palavras, quasi sempre, se não todas as vezes, mostram o que levam dentro de si em espirito e em consciencia. O seu mundo moral mostra-se com mais claridade. Há ao homem a possibilidade de se manifestar livremente, dá-lhe a certeza de que nenhuma sanção o atingirá e vereis como escolhe decidido o seio e o caminho que julga que mais lhe convém.

O teu aparecimento como orador oficial numa das sessões comemorativas deste ano da implantação da República e o que lá disseste foi para mim uma revelação. Apesar de te conhecer há alguns anos julgava-te mais firme nas convicções que mais de uma vez na minha presença esprenhiste e em momentos e lugares de certa responsabilidade. É certo que ultimamente deixaste de manifestar aquele entusiasmo e confiança nas ideias que te afixaram como militante idealista e revolucionário e pelas quais sofreste longa clausura nos ergastalos da odiada Ditadura, mas não esperava que chegasses tão longe nem que consentisses que o teu nome - mesmo que nada dissesse - servisse de bandeira demagógica aos inimigos verde-rubros do anarquismo e dos justos anhelos emancipadores dos trabalhadores. Tenho imensa curiosidade em saber que se passa em ti, o que te arratou a cometer tão inconveniente acto. Talvez eu, sem saber, ande por caminhos errados, esteja equivocado nas minhas convicções. Mas quero continuar a ser útil à causa emancipadora dos que trabalham, quero seguir lutando pelo bem-estar e liberdade de todos os homens e pelo progresso social ilimitado. Luto e preocupo-me por estes objectivos, não para me destacar sobre os meus semelhantes, para ter "penacho", para usufruir privilégios que não possam ser usufruídos por todos os homens. Vim para o seio da classe trabalhadora há 40 anos não por necessidades materiais mas como idealista para lutar pelos seus direitos e co-partir das suas desventuras. Abracei o anarquismo por necessidades morais.



A-pesar-das discrepâncias que entre nós possa haver sobre questões de detalhe ou de forma, processos de actuação, fundamentalmente ainda te considero meu camarada em ideias. Agradecia-te, pois, que roubasses algum tempo aos teus afazeres e me disseses a que conclusões chegaste ultimamente sobre o ideário e actuação do anarquismo militante.

Eu continuo convicto de que a sociedade burguesa é um espectáculo permanente de hipocrisia e de injustiças. Os preconceitos, as conveniências e as obrigações que formam a sua base moral, a sua doutrina, faz do individuo um permanente comediante no palco remendado e lodoso da vida cotidiana. O individuo é injusto, falso, aváro e hipócrita porque representa a fiel imagem da sociedade da qual faz parte e obedeceu. No mundo autoritário não é o individuo que dá forma, espirito, consciencia e côr à sociedade, como seria lógico e justo, mas esta que impõe áquêle a conduta e o caminho a seguir. Se a sociedade é má, porque as suas bases jurídicas e morais são injustas e falsas o individuo que é obrigado a respeitar e a cumprir as suas leis não pode ser justo nem verdadeiro. Incluso não lhe convém ser melhor.

Na sociedade autoritaria - chamai-lhe capitalista, comunista, socialista, fascista, monarquica, democratica, etc., etc., tanto dá - o individuo vive coacionado, portanto não é livre. Ter o suficiente para viver ou o excesso depende da sua habilidade, da sua astúcia ou do grau de lealdade ou de escrupulos com que proceda com o seu semelhante. A meta do bem-estar ou da felicidade dentro da sociedade autoritaria só chega quem andar mais depressa e, no caminho, impedir por todos os meios o seu competidor, seu semelhante, seu adversário, de lhe passar adiante. O operário ou o cientista, o artista ou o intelectual uteis ao progresso, ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento da vida social, não tem garantidos os meios de subsistencia nem o direito de usufruir o produto do seu labor em prol do bem comum em igualdade de direitos, como seria justo, pois todos se completam e se necessitam. São os politicos profissionais que nada fazem de util que distribuem a seu capricho os beneficios, estipulando privilégios e dividindo o conjunto social em classes e categorias de privilegiados. Uma sociedade assim constituída e orientada só pode produzir deformados e cometer injustiças.

É justo e lógico que os que não estamos de acordo com a sua constituição tanto organica como espiritual a combatamos - tanto nos efeitos como nas suas bases, e sem parar, porque combatendo os seus efeitos nos defendemos diariamente das injustiças e violencias que produz e combatendo as suas bases nos garantimos um futuro mais prospero e livre.

Os homens que assim pensamos estamos plenamente convencidos de que estamos dentro da razão. Nenhum acontecimento ainda nos desmentiu, pelo contrario, só nos tem facilitado elementos e provas irrefutáveis de que realmente o caminho que seguimos e a meta que visonamos são os mais verdadeiros e certos. De acordo, pois, com estas premissas, encontramos-nos moral e espiritualmente á margem da sociedade autoritaria, o Estado. Mas como não confiamos no "fatalismo historico" do marxismo porque a própria Historia o nega, nem confiamos no cientificismo evolucionista, seu irmão gêmeo, que nos promete alcançar a perfeição e a felicidade sem sacudidas violentas provocadas pela vontade activa e inteligente dos homens, resolvemos actuar a fim de apressar e garantir a sua total derrocada. E é aqui que nos encontramos na perigosa encruzilhada de escolher os meios para destruir o "armatoste" estatal.





BN

Como proceder como anti-estatista?

O nosso "anti" já não permite que utilizemos os órgãos ou os meios de continuidade do Estado para o combater e destruir. Caso contrario seria como se pretendessemos matar a fome comendo-nos a propria carne. Semelhante absurdo foi intentado na revolução espanhola de 35 e os resultados, negativos, como era de prever, são de todos conhecidos para que seja necessários aqui repeti-los.

No seio do anarquismo militante existem varias opiniões sobre a forma de actuar contra o Estado e as oligarquias que o integram e dirigem. É lógico. O anarquismo não é um partido político mas sim um movimento ideológico orientado por ideias-base, composto por agrupamentos ou por individualidades que se poem de acordo, livremente, para uma acção de conjunto ou paralela.

Não vou historiar aqui, nem em sínteses, pois não o julgo necessário para o fim em vista, o progresso operado no anarquismo desde o seu aparecimento como corrente filozófica até aos nossos dias como movimento social atuante.

Os anarquistas desde há bastante tempo que chegaram a uma conclusão unanime; a destruição do Estado e a transformação social num sentido libertário só será possível através da Revolução Social. Portanto só a acção social revolucionária dos anarquistas conduzirá à anarquia. Só a acção revolucionária do povo inspirada e orientada pelos anarquistas o levará a alcançar a liberdade integral através de instituições progressistas e anti-autoritárias que se transformem, e, incluso, se possam substituir segundo as necessidades da vida social. Mas, dizem alguns camaradas, que instituições, que sistema construiremos para a vida social não caia na confusão e na desordem, da qual se aproveitaram, sem dúvida, os saudosistas autoritários, para que ao homem não lhe falte o necessário para viver? O Colectivismo? O Cooperativismo? O Comunismo? O Sindicallismo? ou quê? Eu direi: pretender improvisar tudo da cabeça aos pés durante o periodo revolucionário ao iniciar os seus primeiros passos constructivos, é perigoso. Mas pretender sistematizar já hoje com caracter absolutista a vida de amanhã ainda é mais perigoso para a marcha progressiva da Revolução. Os Sindicatos e as Cooperativas que hoje criarmos hão-de ser de grande utilidade nos primordios da Revolução triunfante. Lá porque o Estado desapareça não desaparecerá o trabalho produtor, e na marcha, iremos criando órgãos novos que as necessidades da vida e a experiência nos aconselharem. De tudo, o mais importante, serão os organheiros de coordenação formados por tecnicos conscientes e de reconhecida adesão à causa revolucionária.

Se estamos de acordo - os anarquistas, é claro - de que a destruição do Estado só pode ser operada através da Revolução Social, temos que desde já, hoje mesmo, ir formando nos homens o espírito e a mentalidade que fecundem a vontade revolucionária dos homens e os meios que efectivem a sua eclosão, facilitem e defendam a sua marcha. E aqui chegamos, ainda que aos saltos, ao principio da finalidade que originou estes apressados raciocinios.

Perdoa o tempo que te roubo com a presente, mas tem paciencia... Eu já tenho perdido precioso tempo lendo coisas mais aborrecidas e irritantes e sempre tenho colhido algum proveito, que mais não seja o de conhecer o lado que paira no fundo de algumas consciencias e envolve alguns espíritos.

Uma corrente que aspire a transformar radicalmente o actual sistema de vida social tem, necessariamente, de procurar a adesão

da maioria dos homens, particularmente daqueles que são os mais







